MILHO

Ainda não se tem idéia da real necessidade de importações. Até meados do ano, o balanço de oferta e demanda do mercado interno sugeria um abastecimento tranqüilo e uma possível sobra de três milhões de t.

A seca verificada em áreas produtoras do Centro-Sul reverteu as expectativas iniciais de bom desempenho da safra 1985/86. Como os estoques detidos por particulares eram diminutos, as primeiras notícias de atraso das chuvas inquietaram os pequenos criadores de animais e as indústrias de rações, cujas reservas encontravam-se abaixo do considerado **normal**. O governo federal divulgou uma disponibilidade em estoques, no início do segundo semestre, de cerca de 2,5 milhões de t, mas suas vendas deram-se com certo atraso, colaborando em favor da especulação no mercado atacadista. Reinava, também, a suspeita de que a reserva fosse inferior à divulgada. A ampliação da quantidade posta à venda e a descentralização dos leilões foi decidida somente em fins de agosto (ver Quadro 06).

Os preços no mercado atacadista subiram rapidamente (ver Gráfico 06), levando à decisão governamental, no início de novembro, de importar 400 mil t, a serem entregues em janeiro de 1986.

Até o início de dezembro, as avaliações da influência da estiagem sobre a safra revelam que haverá um atraso considerável na colheita e indicam que a disponibilidade do produto em 1985/86 será inferior ao estimado inicialmente. As medidas de emergência contra os efeitos da seca, aprovadas pelo **Conselho Monetário Nacional**, em novembro, estimularam o replantio, que foi empreendido por muitos agricultores, mas permanecem dúvidas quanto ao resultado desta semeadura fora do prazo ideal. Além do mais, esmoreceu a suposição de que as perdas nas culturas do feijão e do algodão poderiam acarretar o plantio do milho, uma vez que, ao perdurar a seca, esgotou-se o prazo recomendado para o plantio do cereal.

Em São Paulo, o **Instituto de Economia Agrícola** estimou, numa primeira avaliação, que a área perdida com milho alcançaria 16% do total já semeado. Recentemente, recomeçou a chover no estado, permitindo o replantio, mas, ainda assim, espera-se diminuição de, pelo menos, 10% do rendimento, devido às implicações do atraso da semeadura. Os cotonicultores paulistas, que perderam a produção devido à estiagem, estão optando pelo plantio da soja ao do milho, devido ao prazo mais extenso da semeadura desta lavoura.

No Paraná, ainda não se quantificaram as perdas, já que o replantio pode prosseguir até 15 de dezembro. De qualquer forma, como a **safrinha** de inverno (plantio em fevereiro) tem dado bons resultados, os agricultores estão confiantes de que ainda poderão obter uma colheita razoável na safra **normal**, a despeito do considerável atraso na semeadura e de a seca estar propiciando o aparecimento de lagartas. Registram-se casos de cotonicultores que, diante das perdas registradas no plantio, estão preferindo milho e soja. As últimas informações do **Deral** dão conta de que a

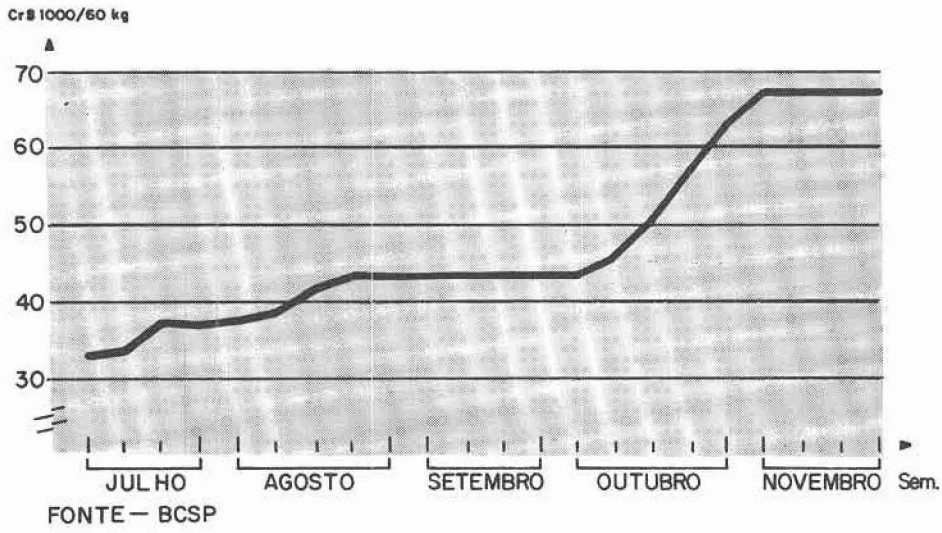
QUADRO 06 – MILHO – BRASIL – QUANTIDADE OFERTADA E VENDIDA NOS LEILÕES MENSAIS DA CFP – JULHO A NOVEMBRO DE 1985
(em t)

MÊS	OFERTADA	PROCEDÊNCIA	VENDIDA
Julho	5.000	nacional	5.000
Agosto	254.769	nacional	246.876
Setembro	503.006	nacional	447.669
	61.000	importado	31.917
Outubro	489.563	nacional	448.545
	74.523	importado	25.893
Novembro	666.445	nacional	591.097
	17.202	importado	13.375
	162.800[1]	importado[1]	118.823[1]

FONTE – CFP.
[1] entrega futura.

MILHO – PREÇO MÉDIO SEMANAL NA BOLSA DE CEREAIS DE SÃO PAULO JULHO A NOVEMBRO DE 1985 (Cr$ 1.000/60 kg)

GRÁFICO 06



FONTE – BCSP

área semeada com o milho, na safra denominada **normal** (sem a **safrinha** de inverno), é de 2,4 milhões de ha, significando a obtenção de 5,8 mi-milhões de t (situação semelhante à de 1984/85).

Devido ao retardamento do replantio, espera-se uma diminuição de 10% na produtividade física em Santa Catarina, onde inicialmente eram esperados 2.500 kg/ha. Como a área estava calculada pela **Cepa/SC** em 8% superior à de 1984/85, estima-se uma oferta do produto próxima aos 2,2 milhões de t obtidas na safra anterior. Neste caso, será necessário que o estado adquira cerca de 400 mil t de milho fora de suas fronteiras, para complementar o abastecimento.

No Rio Grande do Sul, a estiagem vem ocasionando perdas consideráveis nas lavouras do milho e do feijão, mas ainda não se quantificaram os prejuízos. A **CFP** estima que 10% do chamado **milho do cedo** (que corresponde a 40-50% do total da safra) estejam perdidos, podendo haver replantio até meados de dezembro. Verifica-se escassez de sementes de variedades tardias, o que poderá levar muitos agricultores gaúchos a optarem pela soja, que conta com maior prazo de semeadura.

Entre os mais importantes estados produtores no Centro-Sul, Minas Gerais encontra-se em melhor situação. As regiões de maior concentração de plantio não chegaram a sofrer com a estiagem, e a semeadura não atrasou tanto quanto as dos demais. As avaliações mais recentes da **CFP** dão conta de que 4,6% da área total (72 mil ha) foram afetados pela seca, mas o reinício das precipitações possibilitou o replantio, não havendo problemas de oferta de sementes.

A situação das lavouras do Centro-Oeste é semelhante à das demais regiões produtoras. Segundo o levantamento do **IBGE** anterior à pior fase da estiagem, o aumento de área esperado para o presente ano-safra era de 21%, enquanto o rendimento estava previsto em nível 5,5% menor do que o de 1984/85. O aumento esperado de 15% na produção está ameaçado pelo fato de o rendimento poder vir a se reduzir ainda mais. Especialmente no caso de Goiás (65% da área semeada com milho no Centro-Oeste), o plantio, no início da seca, havia coberto 70% da área total pretendida, não devendo haver necessidade de replantio. As perdas de produtividade física estão avaliadas, até o momento, entre 5% e 10%, dependendo, no entanto, das condições meteorológicas, em razão da melhor técnica aplicada às lavouras no estado. Ainda há dúvidas quanto à destinação da área que não chegou a ser ocupada com o milho, mas o agricultor goiano não teria dificuldades para a colocação da soja, cultura que conta com boa oferta de semente na região.

De acordo com levantamentos recentes, o Centro-Sul está em vias de colher 18,9 milhões de t de milho no atual ano-safra, 7% a menos do que a estimativa de antes da estiagem. Esta menor disponibilidade (1,4 milhão de t) alertou o governo federal para a necessidade de aumento imediato das importações, que, até fins de novembro, estavam limitadas às mencionadas 400 mil t, para entrega futura, em janeiro, de forma a garantir o abastecimento interno até o início da colheita. Não há, ainda, um consenso quanto à quantidade necessária para o pleno atendimento do mercado. Estima-se que o total comprado no exterior possa alcançar um milhão de t.

Resta saber até que ponto o mercado realmente enfrenta uma fase de escassez ou se a substancial alta recente dos preços contém, antes de tudo, um forte componente especulativo. Afinal, em meados do ano, o balanço de oferta e demanda sugeria tranqüilidade no abastecimento e perspectiva de uma sobra de mais de 3 milhões de t. Se, diferentemente, tem-se registrado falta, é porque o consumo interno, neste ano, superou largamente as expectativas, crescendo mais do que os 7% esperados pela **CFP** (ver **Agroanalysis** vol. 9 nº 10). Esta reação seria originária da expansão de 9% da produção avícola, do maior uso de rações na bovinocultura (face às más condições das pastagens) e na suinocultura.